

MEMÓRIAS DOS FESTIVAIS DE ARTE DE AREIA - TEATRO

Ana Maria Nunes¹

Resumo:

O presente estudo com ênfase nas análises históricas sobre manifestações artísticas, busca fazer um estudo acerca da relação entre artes cênicas e setores repressivos da sociedade civil e militar dentro dos *Festivais de Arte de Areia*. Tais Festivais iniciaram-se em 1976 e deixam de existir em 1982, embora tenham trazido diversas contribuições para as artes cênicas na Paraíba. Estes eventos reuniam artistas, professores e estudantes do país para discutir, estudar, refletir e prestigiar a arte que se produzia naquele momento no Brasil. A escolha deste tema se justifica pela necessidade de se suprir uma lacuna existente na historiografia paraibana. Para empreender esta pesquisa foram realizadas leituras no que diz respeito à Nova História Cultural, à história oral e à micro-história e alguns autores que abordam a história nacional, estadual e local, além de obras sobre a história do teatro brasileiro e paraibano. Foram feitas, também, fotografias e transcrições de documentos encontrados em visitas ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), à Biblioteca Municipal José Américo de Almeida, ao Museu Histórico da cidade de Areia e à Biblioteca do Colégio Santa Rita.

Palavras-chaves: festivais, Areia, teatro, ditadura.

O presente artigo trata de um estudo sobre o *Festival de Arte de Areia*, com ênfase nas análises históricas, sob o ponto de vista teórico da *Nova História Cultural*, particularmente, da micro-história. Esses eventos reuniram artistas, professores e estudantes do país para discutir, estudar, refletir e prestigiar a arte que se produzia naquele momento no Brasil. Assim, a partir dessa pesquisa, pautada na metodologia da história oral, busca-se: refletir sobre como os espetáculos apresentados nesses Festivais dialogaram com a censura e os demais setores conservadores da sociedade da época; e entender que discussões em termos de artes cênicas foram implementadas nestes festivais.

O tema em questão surgiu da tentativa de se suprir uma lacuna existente na historiografia paraibana. Os únicos registros a cerca desses Festivais estão presentes apenas em jornais ou revistas da época que noticiaram o evento. Outras informações a cerca do tema podem ser encontradas apenas na memória das pessoas que o vivenciaram, sejam como artistas ou como espectadores. Tendo em vista que existem pouquíssimos estudos em

¹ Graduanda do curso de bacharelado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba, integrante do Grupo de Pesquisa do Teatro Paraibano e bolsista PIVIC com o projeto Memorial do Teatro Paraibano.

torno do teatro paraibano e que nenhum deles faz um estudo investigativo acerca dos diálogos estabelecidos entre artes cênicas e setores conservadores da sociedade civil e militar dentro do *Festival de Arte de Areia*, a pesquisa a respeito deste tema torna-se importante devido ao ineditismo da proposta.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa foram feitas diversas visitas ao IHGP e as bibliotecas municipais de Areia, lugares onde ficam arquivados os documentos relativos à época, fontes de pesquisa fundamentais para embasar este trabalho. As notícias encontradas nestes documentos referentes ao tema em questão foram fotografadas e transcritas para uma melhor análise das informações. Também foram entrevistados um dos coordenadores e sete artistas que participaram do *Festival de Arte de Areia*. As entrevistas foram transcritas e comparadas com as outras fontes documentais. De posse deste material, se iniciou a escrita do trabalho.

Os *Festivais de Arte de Areia* aconteceram dentro dos anos da censura imposta pela Ditadura Militar brasileira, ocorrida entre 1964 e 1985. Desde que o Regime Militar fora instalado no Brasil, começou a haver uma repressão às formas de expressão, de um modo geral. No entanto, até 1968, estas coibições não eram tão severas. Com a intenção de intensificar as medidas de repressão às forças de oposição, o governo decreta, em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5, o mais duro instrumento de força do regime militar, que permitiu a ampliação da repressão policial-militar. Este era o quinto decreto anunciado pelo Regime Militar no Brasil. O AI-5 oferecia aos militares poderes quase absolutos. Através dele, todas as formas de manifestações artísticas sofreram restrições. De acordo com o AI-5, seriam censuradas as peças que atentassem contra a segurança nacional e o regime representativo e democrático, que ofendessem às coletividades, às religiões ou incentivassem a luta de classes.

Embora sob os traumas da Ditadura Militar e a repressão que esta impunha, Areia caracterizou-se, de acordo com o que aponta alguns dos depoentes que colaboraram com esta pesquisa, como uma espécie de “ilha”, na qual se podia respirar um pouco de liberdade dentro daqueles negros anos de, como diria João Bosco e Aldir Blanc, “sufoco louco”. Everaldo Vasconcelos, muito poeticamente, fala com deslumbramento sobre esta questão: “Então, pra mim, o *Festival de Artes de Areia* é como se fosse essa flor de Lótus, no meio daquela lama que era aquela ditadura militar terrível”. (Informação oral)

Para José Octávio, os *Festivais de Areia* tiveram o seu modelo no de Ouro Preto e Mariana, que, segundo este intelectual, eram espécies de ilhas de resistência à Ditadura Militar. De acordo com ele: “Eram redutos de liberdade, onde os intelectuais se reuniam, sob a tolerância do sistema, para desenvolver atividades que na época estavam sendo proibidas e censuradas, pelo regime, que era o Regime Militar, na sua fase mais dura (...)” (Informação oral). Everaldo Vasconcelos atribui esta mesma idéia de “ilha” ao encontro acontecido em Areia:

Era um momento, um espaço de liberdade artística, que não havia noutro lugar, em plena ditadura militar, regidos por algo muito pesado, muito cheio de perseguições. Você tinha uma espécie de ilha, onde era possível pensar, onde era possível imaginar a cultura brasileira, a produção cultural brasileira fora da censura. (Informação oral)

Para Everaldo Vasconcelos, a explicação para o fato de se ter conseguido realizar este conclave em plena Ditadura Militar, com a participação de artistas ligados aos movimentos de esquerda, de maneira livre, embora que em torno de um núcleo conservador, está na assistência oferecida por José Américo de Almeida e no aval do Secretário de Educação e Cultura, Tarcísio de Miranda Burity. Everaldo Vasconcelos atribui essa liberdade existente dentro dos *Festivais de Arte de Areia* à uma proteção que advinha de José Américo de Almeida pelo fato deste ex-ministro ser uma figura tão ilustre e poderosa que ninguém teria coragem de contestá-lo. Quanto a Tarcísio de Miranda Burity, este político soube, de acordo com Everaldo Vasconcelos, transitar entre os dois extremos, promovendo espécies de espaços comuns entre setores ultraconservadores e o campo de fomento cultural. Para Everaldo Vasconcelos, os artistas eram tão conscientes da proteção que José Américo exercia dentro daquele *Festival* que ninguém possuía coragem de criticá-lo, embora para eles o ex-ministro fosse uma figura representativa dos setores conservadores da sociedade.

Embora alguns dos depoentes que contribuíram para esta pesquisa com suas memórias destaquem esta tolerância às formas de expressão artística que havia dentro dos *Festivais de Arte de Areia*, nem tudo eram liberdades. Havia as subversões, havia os artistas e anarquistas, ávidos por alvedrio. Entretanto, do outro lado, havia a vigilância, havia as freiras e censores com os seus olhares cuidadosos. Além disto, havia a sociedade local, que se dividia entre alguns setores das camadas populares, que aproveitavam o evento para

mostrar as suas manifestações folclóricas, e os setores mais elitistas areienses, que, embora participando do evento, posicionavam-se, em alguns casos, de maneira conservadora.

Everaldo Vasconcelos contou, em depoimento para esta pesquisa, que foi para o *VII Festival de Arte de Areia* com o espetáculo “Cartaz de Cinema”, no qual trabalhava como ator, montado pelo Grupo Artesanal. O texto era do Paulo Vieira e a direção do Antônio Cadengue. Segundo o ator de *Cartaz de Cinema*:

“(...) o grupo apontava para uma discussão política, mas num sentido muito mais amplo, das liberdades individuais, (...), das opções individuais, da sexualidade, da posição da mulher na sociedade. Coisas que problematizavam além do simplesmente resistir a um governo militar (...)”.
(Informação oral)

Sobre este espetáculo, o seu autor Paulo Vieira conta um episódio interessante que aconteceu durante o Festival de 1882, em Areia. Segundo ele, havia um censor que estava presente em alguns destes Festivais, que era o Dr. Pedro. Este censor parou uma apresentação da peça *Cartaz de Cinema* porque havia na platéia duas crianças, alegando que o espetáculo possuía cenas impróprias para um público infantil.

“(...) foi o caso do “Cartaz de Cinema” (...) nós estávamos em vias de não apresentar porque tinha algumas coisas subversivas, como por exemplo a cena, talvez a primeira cena de, talvez não, com certeza a primeira vez que um teatro na Paraíba põe dois homens se beijando em cena. Beijo na boca de língua e tudo mais.” (Informação oral)

Para Everaldo Vasconcelos, o que houve com o espetáculo *Cartaz de Cinema* no *Festival de Arte de Areia* foi um pequeno incidente, o qual não se constituiu como uma grande intolerância por parte dos censores. Ele afirma que não existia nenhum tipo de problema com a peça *Cartaz de Cinema* que impedisse de ser apresentada para crianças. No entanto, na época, as questões tomavam uma proporção maior. Ele coloca também que este espetáculo sofreu algumas intervenções da censura antes da estréia, mas que ele não percebeu como sendo uma perseguição política à peça, mas algo do ponto de vista educacional. Segundo Everaldo Vasconcelos, portanto, *Cartaz de Cinema*, no *VII Festival de Arte de Areia* não sofreu censura.

No entanto, percebe-se, aqui, que *Cartaz de Cinema* possuía um conteúdo de contestação de valores morais muito forte, o que para época, poderia chocar e, até mesmo,

ser considerado subversivo. Segundo Ranufi Cardoso, havia vários espetáculos com este tom perturbador. Este ator de teatro afirma que a discussão política não estava presente apenas nos espetáculos, era uma das protagonistas também da cena dos debates. Para ele, era impossível não se discutir política naquela época e os artistas eram mais engajados. Ranufi ainda acrescenta que havia uma discussão sobre a liberdade em todos os sentidos.

Segundo alguns dos depoentes, a Igreja Católica, muitas vezes, se posicionou conservadoramente diante dos episódios e espetáculos desses Festivais embora se colocando como apoiadora do encontro, através da guarida das freiras, que hospedaram diversos artistas no Colégio Santa Rita e do próprio Padre Rui Vieira. O romper as barreiras, constituía-se, na época, um valor para os grupos de artistas e isto, naturalmente, chocaram, de alguma forma, as freiras. Para Everaldo Vasconcelos, na luta por liberdade de expressão, os artistas acabavam por cometer excessos que ofendiam as pessoas que lhes davam abrigo dentro do *Festival*, como era o caso das freiras do Colégio Santa Rita.

Sobre a relação com as freiras, Fernando Teixeira afirma que, muitas vezes, elas chegaram a impedir que os espetáculos acontecessem com todas as suas cenas, caso houvesse algum momento durante o espetáculo que afrontasse os valores morais preservados pelo catolicismo. No entanto, afirmou que a igreja, principalmente através da figura de Padre Rui, sempre apoiou o Festival. São os contrastes do *Festival*, que, de certa maneira, refletem os próprios contrastes do período da Ditadura Militar.

Ranufi Cardoso, ao rememorar as suas experiências dentro do *Festival de Arte de Areia* conta um episódio relacionado às freiras que, segundo ele, ficou emblemático do ano de 1982. O caso aconteceu durante uma apresentação do espetáculo *Quinze anos depois*, no qual ele trabalhava como ator, ao lado de Socorro Brito, e que tinha a direção de Hermano José. Durante a última cena da apresentação deste espetáculo dentro do *VII Festival de Arte de Areia*, uma freira invadiu o palco e, usando uma expressão bem recorrente no meio teatral, “rouba a cena” dos dois atores. O espetáculo tinha afrontado os princípios da moral católica e aquelas freiras não poderiam aceitar aquele tipo de celebração profana dentro de seu recinto. É preciso que se coloque aqui que a apresentação acontecia dentro do auditório do Colégio Santa Rita, principal reduto do conservadorismo areiense. São estas as palavras do ator Ranufi Cardoso:

“(…) que ao final do espetáculo, quando a gente começava a tirar a roupa, embora que (…) a gente não tirava a roupa explicitamente em cena. A gente ia por trás de um sofá e começava a jogar peças, que não eram nem as peças que a gente estava vestido, eram peças que estavam lá, mas que neste momento subiu uma freira com um guarda-chuva, ou era uma sombrinha, (risos) e batia com a sombrinha no palco e dizia: ‘você estão na casa do senhor, fora daqui’ ou coisa do tipo. E chamava a gente de herege, (…) mas neste momento o público levantou-se como um *happening*, era quase como se fosse uma celebração. (…) Ela tinha alguma coisa, algum objeto na mão (…) (risos). Mas o auditório lotado. O público se levantou entre risos e aplausos e gritarias. Ficou uma marca daquele ano do festival.” (Informação oral)

Segundo José Octávio, as freiras eram pessoas muito conservadoras. Havia uma delas que era uma figura central dentro do *Festival de Arte de Areia*: a irmã Jacinta. De acordo com ele, esta irmã era considerada uma das mentoras do *Festival*. No entanto, destoava da equipe de organização, devido aos seus posicionamentos morais retrógrados. José Octávio conta que, quando chegou na cidade de Areia, no ano de 1980, para coordenar o *V Festival de Arte* percebeu que ela não tinha, verdadeiramente, a intenção de ajudar, mas de fiscalizar o evento.

Outra pessoa que apoiava o *Festival de Arte de Areia*, mas também tinha posturas conservadoras, era Dona Violeta de Brito Lyra Salviano. Ela era, na época, Secretária do Trabalho e do Serviço Social do Governo do Estado da Paraíba. A família Brito Lyra era areiense e era uma das mais tradicionais da cidade. Dona Violeta de Brito Lyra tinha muita influência política por este tempo e era um tanto intransigente. Contam as pessoas da cidade que ela mandava no Prefeito de Areia. Fernando Teixeira relata um fato interessante envolvendo esta secretária do Governo do Estado. Ele afirma que houve um grupo de teatro que resolveu fazer uma encenação, cujo conteúdo falava de uma mulher conservadora que tinha poderes sobre o prefeito da cidade. No final da esquete, o personagem do prefeito entregava a chave da cidade a essa mulher. José Octávio também se recorda deste episódio e afirma, inclusive, que Dona Violeta estava na plateia e que a peça a irritou profundamente, a ponto dela ir se queixar de estar sendo detratada ao governador da Paraíba, Ivan Bichara Sobreira. Devido a isto o *Festival Arte de Areia* ficou ameaçado de não mais acontecer.

Se este foi um caso de subversão? Tudo, na época, segundo Paulo Vieira, era considerado subversão. Este episódio com Dona Violeta de Brito Lyra ilustra bem como os

artistas usavam o *Festival de Artes de Areia* para contestar as formas de poder vigentes no período em questão. Mas nem tudo eram liberdades. Também havia as repressões. O professor Paulo Vieira conta que existia um delegado da Polícia Federal na Paraíba, que era responsável por censurar os espetáculos teatrais chamado Dr. Pedro Ferreira: “Ele ia pra Areia e ele ficava lá acompanhando o festival inteiro, não sei se ele ia a trabalho ou porque ele gostava (risos). Talvez pelas duas coisas”. No entanto, afirma Fernando Teixeira, que Dr. Pedro era até complacente dentro dos *Festivais*, pois este delegado presenciou muitos episódios que, em outras situações, na época, seriam casos para detenções. E a sua presença também, por outro lado, segundo Fernando Teixeira, dava uma certa “segurança” ao *Festival*.

Fernando Teixeira lembra que a repressão apontava as suas armas para todos os lados e que os espetáculos que se apresentavam nos *Festivais de Arte de Areia* já haviam passado por uma censura. Sobre esta questão, Hermano José diz que para se apresentarem no *Festival de Arte de Areia* era necessário levar um certificado da censura. No entanto, aconteciam as peças de improviso, que eram, praticamente, impossíveis de controlar, como foi o caso da peça que retratava as intransigências de Dona Violeta. A arte teatral permite estas práticas inesperadas. E é o que confirma Florismá Gomes de Melo. Segundo ele, durante a Ditadura Militar, havia duas censuras para que um espetáculo pudesse ser liberado para apresentação: a primeira delas era voltada para o texto, que vinha, segundo ele, com vários cortes, carimbado e assinado de Brasília; e a segunda era voltada para o ensaio geral, a fim de verificar se estavam respeitando todos os cortes feitos no texto. No entanto, segundo ele, os artistas, geralmente, acabavam burlando os censores, pois no momento da apresentação, em muitos casos, mostravam os espetáculos na íntegra.

Segundo José Octávio, em 1980, ano no qual este entrevistado coordenou o *Festival*, muitos foram os espetáculos que se apresentaram sem estarem na programação. Os grupos chegavam na cidade e pediam para se apresentar e José Octávio, simplesmente, permitia. No entanto, havia um detalhe: a Polícia Federal, apesar de procurar simular que não estava censurando os espetáculos, exigia que todas as peças apresentadas no *Festival de Arte de Areia* mandassem um script. Ou seja, havia ainda uma censura, mas era uma espécie de repressão meio que velada. De acordo com José Octávio, havia um rapaz da Polícia Federal que assistia a todos os espetáculos apresentados dentro do *Festival de Arte de Areia*. À

noite, depois que se encerrava a programação, a comissão organizadora do *Festival* e mais alguns artistas e intelectuais tinham o hábito de se reunir na casa de pessoas da cidade que colaboravam com o Festival. Durante estas reuniões, o censor presente aos *Festivais* sempre cobrava os scripts das peças.

Segundo Everaldo Vasconcelos, José Octávio era uma peça chave dentro do *Festival de Arte de Areia*. Ele tinha um poder de articulação muito forte e dialogava com pessoas que possuíam pensamentos políticos divergentes. Pelo que se pode observar, o coordenador José Octávio funcionava como uma espécie de conciliador entre os dois extremos que havia nos *Festivais*: a rebeldia dos artistas e o conservadorismo dos censores e de alguns setores da sociedade local. José Octávio conta que alguns chegaram a questioná-lo: “Quer isso e você é da ditadura?”. E ele respondia: “Não sou não, mas eu estou dentro dela e você está também. E você não está? Não é o período da Ditadura? Então vamos evitar atrito e questões” (Informação oral).

Os *Festivais* refletiam muito as questões da época da Ditadura Militar: o conservadorismo da direita, por um lado, e o pensamento oposicionista de esquerda, por outro. Mas o que tornava possível a convivência entre setores tão radicais de esquerda e facções tão truculentas do conservadorismo religioso e militar? Para Everaldo Vasconcelos, havia dentro dos *Festivais de Arte de Areia* uma espécie de “acordo de cavalheiros”. Existia, para ele, uma conveniência por parte dos organizadores em não afrontar excessivamente a estrutura repressora estabelecida. Everaldo Vasconcelos recorda que naquela época todos os artistas eram muito “mal comportados” e que isto era algo muito positivo, visto que os artistas precisam mesmo ter este espírito de contestação. No entanto, havia uma sabedoria significativa dos artistas de esquerda, que fazia uma oposição política de maneira que fossem respeitados intelectualmente. Ele afirma que conhecia toda a obra de José Américo de Almeida e que todos respeitavam muito a figura do ex-ministro. O professor Everaldo Vasconcelos coloca que:

Ninguém é louco de simplesmente haver uma espécie de exceção e você romper, digamos assim, esse acordo de cavalheiros. Mas, (...) no terreno daquele *Festival de Arte de Areia*, o debate rolava de forma livre, de forma livre. Areia, talvez tenha sido, no Brasil, a única ilha de liberdade cultural plena durante aquele período, na qual intelectuais de esquerda, junto a intelectuais de direita, debatiam possibilidades culturais para o Brasil. Foi frequentando o *Festival de Arte de Areia* que eu concluí que a Ditadura

estava chegando ao fim, que não havia mais lugar pra ela. (Informação oral)

Diversos intelectuais e artistas de esquerda compareceram a esses *Festivais*, alguns, inclusive, que já haviam sofrido perseguições por parte da censura, como Ivan Proença, Paulo Pontes, Gianfrancesco Guarnieri, Glauber Rocha com toda a sua filmografia exibida dentro deste evento, inclusive com o lançamento da *Idade da Terra*, filme difícil de ser visto e que foi exibido aberto ao público. Devido a tudo isto, para Everaldo Vasconcelos o *Festival de Arte de Areia* “era um grande momento”. Outro nome bastante representativo do pensamento de esquerda da época, inclusive dentro da atividade teatral, foi Fernando Peixoto, que compareceu diversas vezes ao *Festival* para ministrar cursos. Ranufi Cardoso afirma que esta discussão política era uma das protagonistas da cena dos debates. Everaldo Vasconcelos foi um dos artistas que participou de diversas mesas de discussão acerca do teatro que havia dentro desses *Festivais*. Ele afirma que nessas discussões ele era colocado como um artista ligado a um teatro de agitação, a um teatro político e vanguardista, não só do ponto de vista da linguagem teatral, mas do ponto de vista dos entendimentos e do pensamento acerca da sociedade. Ele era visto como um artista ligado ao que eles chamavam de “guerrilha cultural”, embora transitasse, também, entre os grupos que agiam em um outro nível de pesquisa, ou seja, em um âmbito mais estético.

E essas discussões aconteciam também de maneira extra-oficial, nas mesas dos bares, verdadeiras festas que duravam o dia inteiro. A discussão da liberdade, em todos os seus sentidos, tinha um significado muito forte para aqueles artistas. Dessa forma, todos os extremos foram possíveis dentro daqueles *Festivais*. Todos os comportamentos que se poderia existir dentro de um festival, ali existiram. E, segundo Everaldo Vasconcelos, quando acabavam aqueles *Festivais*, sair da cidade de Areia, oferecia uma sensação de abismo, porque “(...) descer daquela serra era a morte, porque era voltar de novo para aquele mundo cheio de perseguição e de medos e de tudo” (Informação oral).

O *Festival de Arte de Areia* deixou de ser realizado naquela cidade por diversas razões. Uma delas foi a incômodo que causava nos setores mais conservadores da sociedade local. Outra foi o desinteresse dos poderes públicos que, geralmente, abnegam eventos que levem o povo a pensar. Principalmente em um momento de abertura política,

onde, a partir de então, o povo teria direito a escolher os seus representantes, pensar ficava ainda mais perigoso.

Diante do que foi abordado, percebe-se que havia liberdades e repressões e a dosagem de cada uma delas foi colocada de maneira subjetiva para cada um dos informantes. Mesmo quando aconteciam as intolerâncias, pelo que colocaram os entrevistados, elas não eram tão inflexíveis. E quando, vez por outra, ocorriam as repressões, os corajosos artistas encontravam meios de burlá-las.

O *Festival de Arte de Areia* deixou várias contribuições para o teatro paraibano: as discussões em torno do fazer teatral; o desenvolvimento do pensamento artísticos de diversos participantes; o incentivo à montagem de espetáculos teatrais de reconhecida qualidade; as conexões estabelecidas com os artistas de outras localidades do país; e a realização de outros encontros artísticos dentro do Estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 4 ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 6 ed., São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1998.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

EGYPTO, Ednaldo. *40 anos do teatro paraibano: roteiro fotográfico*. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, SED/SECETUR, 1998.

MAGALHÃES, Augusto. *História do teatro na Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 2005.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. *Entre terra e mar: sociogênese e caminhos do teatro na Paraíba (1822 – 1905)*. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2009.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 3 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

RODRIGUEZ, Walfredo. *História do teatro da Paraíba: só a saudade perdura*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1960.

VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e História cultural*, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História** – ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997: 127 – 162.

Periódicos:

Programa do Festival de Arte de Areia (1976, 1977, 1978, 1979, 1981)

Jornal *A União* (fevereiro de 1976, fevereiro de 1977, abril de 1978, fevereiro de 1979, março de 1980, fevereiro de 1981, fevereiro de 1982).

JORNAL DE AREIA, n 5, fevereiro de 1982.

JORNAL O AREIENSE, n 8/9, dezembro de 1980/janeiro de 1981.

JORNAL O AREIENSE, n 30, novembro de 1982.

JORNAL O AREIENSE, n 10, fevereiro de 1981.

PRESENÇA LITERÁRIA. João Pessoa: Divisão de reprografia da SEC/PB, n. 3, janeiro, fevereiro, março de 1984.

REVISTA DO VI FESTIVAL. João Pessoa: SEC/PB, n. 1, fevereiro de 1981.